

SÃO PAULO, SP, 9 DE SETEMBRO DE 1996

*Senhor Governador de São Paulo, meu amigo e companheiro Mário Covas; Dona Lila; Senhores Ministros que me acompanham; Senhor Presidente da Assembléia, Deputado Trípoli; Senhor Secretário, Autoridades aqui presentes; Senhoras e Senhores;*

É para mim uma alegria imensa estar aqui, hoje, na Zona Leste de São Paulo. Ao percorrer de helicóptero desde Guaianases, passando por José Bonifácio, por Pêssego, até chegar aqui, em Itaquera, eu me recordei de quantas vezes, não de helicóptero, mas a pé, caminhando com vocês, andamos por essas ruas da Zona Leste de São Paulo.

E o Governador Mário Covas sabe, como sabem todos os paulistas, que isto aqui mudou bastante e vai mudar, vai mudar mais e vai melhorar. Mas, quantas vezes, lá no fim, no viaduto em Guaianases, havia aquele clamor da população pelo metrô. Eu mesmo vim aqui, Mário, aqui onde hoje é a estação – não vão dizer que eu sou partidário, porque eu sou – do Corinthians. Nós estamos aqui no local que eu vim ver antes que existisse. O Secretário Luís Carlos Santos inventou essa história de Corinthians aqui em Itaquera.

Esta região leste é muito querida nossa, e eu não podia, sendo Presidente da República, esquecer do meu São Paulo. E é com grande alegria que estamos aqui, hoje, para dizer: vamos cumprir, sim, vai ter metrô, sim. O metrô vai chegar de Guaianases a Itaquera e vai servir a 3 milhões de habitantes. Serão 150 mil passageiros por dia. Vai aumentar a capacidade desse Estado e dessa cidade de servir a seu povo.

Mas não é só aqui, não. Nós vamos também seguir o metrô lá para a Vila Madalena. Vamos sair do Hospital das Clínicas e chegar à Vila Madalena. E, pouco a pouco, vamos chegar à Cidade Universitária e incorporar o Butantã ao coração de São Paulo, ao coração do Brasil.

Quantas vezes, com muitos que aqui estão, nós fomos lá para Santana, e dizíamos sempre que, um dia, o metrô chegaria ao Tucuruvi. Pois vai chegar ao Tucuruvi também e vai ser na administração de Mário Covas. E vai ser com o apoio do Governo Federal a São Paulo. Estamos desenhando, com isso, a possibilidade de, no futuro, o pessoal lá embaixo, do Capão Redondo, sonhar que um dia vai se chegar ao Largo 13, porque lá também tem que ser incorporado. E nós faremos isso com tranquilidade, mostrando que São Paulo não pertence ao Mário, nem a mim, nem a ninguém. São Paulo é dos paulistanos, é dos brasileiros que vivem aqui, e é por isso que nós vamos fazer em continuidade essa obra, porque, sem metrô, não há transporte de massa. Sem metrô, tudo mais é engano. O metrô custa caro, sim, mas é necessário.

E nós paralisamos o metrô – não nós, outros paralisaram – e nós retomamos o metrô. Também quero deixar muito claro aos brasileiros todos: não é só São Paulo, não; no Rio de Janeiro também estamos dando dinheiro para o metrô; e lá em Belo Horizonte também; e lá em Brasília também. E eu não perguntei quem era o prefeito, não perguntei quem era o governador. Eu perguntei quem era o cidadão que ia usar o metrô, porque eu sou Presidente de todos os brasileiros e me ocupo deles todos com igual carinho.

Nós fazemos, nós não falamos só, nós cumprimos, nós trabalhamos.

Nesses últimos dias, nessas últimas semanas, eu estive lá no Norte. Para quê? Para ver um hospital lá na fronteira, uma escola

onde as pessoas aprendem português e uma língua que alguns aqui também falam: chama-se tucano. A língua geral lá é tucano. Então, lá se fala tucano e português e se aprende a ler e escrever em tucano e em português. Eu não sabia que era tucano. Fui lá porque é um pedaço deste meu Brasil, e eu sou responsável por tudo isso.

Ando por todas as partes do Brasil. Fui a Curitiba, não perguntei quem eram os donos da terra. Eu sabia que o dono era o povo de Curitiba. Inaugurei, lá, o aeroporto. Recentemente, ao lado do Governador de Brasília, inaugurei o Aeroporto de Brasília. Daqui a pouco, vou a Mato Grosso para inaugurar um linhão de energia elétrica; e, mais tarde, ao Pará para fazer o que nunca fizeram, pois as linhas de transmissão não passavam – passavam sobre o Pará, mas iam para servir Tucuruí, serviam às multinacionais no Maranhão. Agora vai servir ao povo sofrido do Pará. Estamos fazendo a linha de transmissão.

Ainda este ano, vou lá longe, a Porto Velho, porque nós estamos recuperando a hidrovia do Madeira. E, lá no Amazonas, Itacoatiara já tem um porto graneleiro feito pela iniciativa privada com apoio do Governador. Vamos exportar a produção do Centro-Oeste, de Rondônia, de Mato Grosso por via fluvial, e vai baratear enormemente o custo do transporte. E vamos competir, em Amsterdã, com a soja americana, com o preço mais barato.

Vou continuar fazendo, digam o que disserem, porque nós temos que fazer um Brasil forte para os brasileiros, um Brasil de decência, sem corrupção, um Brasil de trabalho, sem proteção a ninguém, sem privilégios, um Brasil da sinceridade, um Brasil da tranqüilidade. Eu sou o Brasil desse povo, que é o nosso povo.

De modo que, hoje, aqui, neste metrô, aqui em Itaquera, quando vi a população lá em cima – que não era a população que estava aqui para ver esse ato, não – que está percorrendo o metrô como faz todo dia, eu pude dar um abraço neles para dizer: estou com vocês. Porque eu sei que é difícil a vida do povo, sobretudo em São Paulo, sei que é dura, sei que temos que enfrentar problemas.

Estive, recentemente, no hospital Santa Marcelina, aqui também na zona de Itaquera, para ver o que as freiras estão fazendo lá com o apoio de todos: uma maravilha, um trabalho de dedicação, de carinho para um povo que, há muito tempo, quando a gente andava por aqui, não tinha nada.

Eu me recordo de que, há uns dez anos ou mais, alguém me dizia: “Mas, meu Deus, tão longe do centro e, pelo menos, tem a linha de ônibus, tem a padaria, tem até, de vez em quando, uma ambulância que passa”. Mas era escasso. Agora está começando a melhorar.

Vamos acreditar no Brasil, vamos acreditar em nós mesmos, com confiança, sem nenhum ódio, sem nenhum ressentimento, sem discriminação, mas com muita fé nesse povo. E é por isso que venho, aqui, a São Paulo, para dar um abraço em vocês, para dar um abraço no Governador Mário Covas, que está enfrentando tudo quanto é dificuldade para botar São Paulo, de novo, nos trilhos, sem corrupção, um São Paulo digno, um São Paulo que diz “não” hoje, para dizer “sim” amanhã, um São Paulo que sabe que tem um valor imenso para este Brasil.

É com muita satisfação que vejo que as coisas estão começando a retomar o ritmo. E esse ritmo de crescimento não é o ritmo da irresponsabilidade. O dever maior de quem é Presidente da República é garantir aquilo que o Governador Mário Covas disse: o Real – porque, se a moeda perder o valor, esse povo não vive. Pode ter o metrô, mas não haverá passageiro para andar no metrô, porque vai faltar dinheiro para servir à necessidade básica da população.

Então, nós vamos, sim, continuar com muita perseverança no equilíbrio fiscal. E não me venham com conversa de que tem eleição, tem reeleição, tem não-sei-o-quê, que “o Governo vai abrir cofre”. Só vai abrir cofre para fazer obra boa para o povo, não para fazer favor a ninguém, nem para eleger, nem reeleger quem quer que seja – quem quer que seja, inclusive o próprio. Não. Nós somos gente séria, nós temos compromisso de toda uma vida. Nós, que estamos aqui, não estamos aqui de repente, não. Temos história, e vamos manter a nossa história bem viva, porque não é uma história de cada um de

nós; a nossa biografia hoje, a que conta mesmo, não é a individual: é a biografia desse povo, que é um grande povo. E o Brasil está melhorando e vai, sim, vencer.

Viva São Paulo, viva o Brasil, viva o metrô!

